



HOMOSSEXUALIDADE EM *O CORTIÇO*: O NATURALISMO E AS PATOLOGIAS SOCIAIS

Paulo de Oliveira Nascimento¹

RESUMO: Os diálogos entre História e Literatura têm acontecido com bastante frequência desde que a linguagem e a narrativa passaram a embasar discussões das chamadas ciências sociais. Enquanto narrativas sobre o real, tanto o discurso historiográfico quanto o discurso literário trazem à luz toda uma época, a partir da ótica daqueles que se propõem a tecer tais discursos, sejam os historiadores, sejam os literatos. Aluisio Azevedo é um expoente do romance naturalista que, numa vigorosa análise social a partir de grupos marginalizados, escreveu textos voltados para questões sociais de sua época. O texto naturalista seria uma ampliação do Realismo, acrescentando-lhe um caráter patológico nos quadros representados. Nossas pretensões para este trabalho se justificam quando consideramos a estética da obra de Aluisio Azevedo e as características da escola naturalista. Portanto, objetivamos lançar nosso olhar para a condição homossexual posta no texto literário, atentando para as implicações desta condição sexual numa sociedade que a considerava uma patologia. Metodologicamente, analisaremos *O Cortiço* e seus personagens, considerando as relações possíveis entre a obra literária e a pesquisa em História, bem como a estética naturalista e o seu “comprometimento” com a realidade a ser representada.

Palavras-chave: História e Literatura, Aluisio Azevedo, grupos marginalizados, caráter patológico.

ABSTRACT: The dialogues between history and literature have been happening pretty frequently since the language and the narrative began to base discussions of so-called social sciences. While stories about the real, both the historiographical discourse on literary discourse bring to light an entire era, from the perspective of those who propose to make such statements, whether historians, are the writers. Aluisio Azevedo is an exponent of the naturalistic novel that, in a vigorous social analysis from marginalized groups, wrote texts dealing with social issues of his time. The text would be an extension of the naturalist realism by adding a pathological character represented in the tables. Our intentions for this work are justified when we consider the aesthetics of the work of Azevedo Aluisio and characteristics of the naturalistic school. Therefore, we aimed to cast our eyes to the homosexual condition placed on literary texts, paying attention to the implications of this sexual condition in a society that considered a pathology. Methodologically, The Slum and analyze their characters, considering the possible relationships between the literary work and research in history, and the naturalist aesthetics and its "commitment" with the reality being represented.

Keywords: History and Literature, Aluisio Azevedo, marginalized groups, pathological character.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: mad.mada@hotmail.com



Considerações Iniciais

O texto literário constitui uma das instâncias discursivas que remetem os valores, aspirações e demandas sociais daqueles que se colocam como arautos da civilidade. Assim como outrem, o discurso literário tem papel determinante num dado contexto e cumpre sua função, na medida em que inaugura e legitima a fala daqueles que o tomam.

O Cortiço de Aluísio Azevedo condensa um contexto social em que o homem era visto como um produto do meio no qual estava inserido. Seu texto explora, de modo significativo, um espaço coletivo onde são agrupados, dentro e no seu entorno, tipos componentes de uma sociedade marcada por teorias deterministas/evolucionistas e eugenistas, lançando-se para o aspecto patológico do homem e do meio. “(...) naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicavam-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 2007, p. 15).

Enquanto um animal, um ser biológico, o homem é compelido a tirar o maior proveito possível do meio social no qual está inserido. Malfeitores, estelionatários, facínoras, prostitutas, miseráveis, adúlteros, estes e outros personagens desfilam n’*O Cortiço*. Trataremos, neste trabalho, sobre alguns desses personagens, atentando para aqueles de orientação homossexual. Consideraremos os diálogos entre a História e a Literatura, enquanto discursos sobre o mundo, e a teoria foucaultiana sobre a sexualidade no Ocidente, objetivando entender a homoafetividade no contexto do século XIX tida como uma patologia.

História e Literatura

As relações estabelecidas entre Literatura e História, na atualidade, são fruto de debates que se estendem, como atesta Albuquerque Junior (2007), desde que a linguagem e a narrativa tornaram-se ponto de partida para as discussões das chamadas ciências sociais. Como atesta Maingueneau (2006, p. 59), linguistas têm se esforçado para condensar todo tipo



de texto, escrito ou não/literário ou não, numa “estilística” que ainda restringi-se ao texto literário.

A questão que se coloca ainda refere-se ao ofício do historiador, quando este utiliza a linguagem para tecer sua narrativa dos acontecimentos históricos. Estas “narrativa é a forma através da qual [os historiadores] constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 2). Discussões em torno da escrita historiográfica dão conta do compromisso que tais escritores teriam com o princípio da verdade, o que os diferenciam dos literatos. Custa ainda para alguns historiadores o fato de que a narrativa histórica é um discurso também construído historicamente.

A História vai emergir como discurso no período clássico da sociedade grega antiga, no momento em que, em nome de fundar uma ordem racional para a cidade, poetas e sofistas estão sendo postos em suspeita. Pretende-se, a partir deste momento, racionalizar a sociedade, num início de superação do mito. A História vai ser colocada como asséptica, livre da poesia e da narrativa mítica, consideradas o lugar da desrazão.

Essa racionalização, por outro lado, institucionaliza a poesia, o pensamento trágico na Literatura. Com o Iluminismo, a História vai buscar no que é dado pelos fatos, pelas ações e pelos costumes, pelo que é racional, o que deve ser assimilado. “A partir daí será a Literatura, o romance que surgirá como o texto que ainda poderá tocar nesta parte negada e proibida da realidade, tão negada que precisará disfarçar-se de ficção para falar” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 7). A Literatura não mostra o “outro como nós mesmos”, como pretende a História. Esta Literatura traz os sujeitos “como eles são” e “é parte da realidade tão real que continua doendo, que não cessa de produzir sensações de afogamento e de náuseas” (Idem). A Literatura, enquanto discurso constituinte, “participa de um plano determinado da produção verbal, a do discurso constituinte, que, por sua vez (...) se propõe como discurso de Origem, validado por uma cena de enunciação que autoriza a si mesmo” (MAINGUENEAU, 2002, p. 60). A Literatura, assim como outros discursos constituintes, “se funda (...) no estatuto ‘xamânico’ de uma fonte enunciativa que participa ao mesmo tempo do mundo comum e de forças que excedem o mundo dos homens (...) [e] tem a seu cargo o que se poderia denominar *archeion* de uma coletividade” (Idem). Cada discurso constituinte traz características que lhes são próprias. Nesse sentido, “a obra literária (...) ‘constrói as condições de sua própria



legitimidade ao propor um universo de sentido e (...) ao oferecer categorias sensíveis para um mundo possível” (Idem, p. 65).

Considerando o conceito de real lacaniano elencado por Albuquerque Junior (2007), dizemos que este real é algo que “está para além das palavras”, que é turbilhante e caótico.

Para Lacan, o real é algo que não é passível de simbolização, é o que escapa da rede protetora que os sujeitos tecem com os símbolos em relação com o mundo. O real – longe de ser o mais concreto, o mais possível de ser conhecido e apreciado; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser conhecida – seria o que escapa à compreensão. O real seria a vida pura, a vida crua, seria o informe; seria o que sempre aparece construído precariamente; seria o doloroso caos em que podemos nos atolar e nos perder; seria a desterritorialização absoluta, o coração selvagem da existência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 4).

O símbolo, enquanto constituinte de uma “rede de proteção subjetiva que os homens elaboram para se relacionar com o real” e que, enquanto segundo movimento do desejo, “faz a passagem do informe para o formado, do fluxo ao coagulado, do intensivo ao extensivo, do caos a ordem parcial (...) (Idem), este simbólico constitui tanto o discurso historiográfico quanto o literário, embora aquele venha a situar-se na linha do terceiro movimento de desejo. Este, por sua vez,

se daria através das linhas de territorialização ou reterritorialização, em que as formas se estabilizam, cristalizam-se, lutam contra as forças internas que as habitam e que as lançam para fora de si mesmas, para o devir, para a desterritorialização, em que se constroem ordens barrocas, endurecidas com desejo de eternidade e estabilidade (Idem).

Tanto a História quanto a Literatura falam desse real e são discursos sobre este real. Aquela, com sua pretensão de verdade, faz uso de todo rigor do método científico, enfocando suas ações ainda no tátil, no racional. Já esta se debruça sobre a ficção, sobre o caótico, o insano, o irracional. Por falarem, cada uma a seu modo, precariamente sobre este real, ambas, História e Literatura, precisam unir-se. Esta união faz-se importante na medida em que estes discursos podem oferecer uma visão mais ampla do real, maiores possibilidades de aproximação desse real.

O Naturalismo como Estilo de Época



Entendemos que “a Literatura (...) considera os possíveis da História, os possíveis até mesmo irrealizáveis, alude essencialmente ao virtual, ao potencial, a um repertório de possibilidades dadas pela História” (QUEIROZ, 2008, p. 200). Consideramos o Naturalismo, enquanto estilo de época, uma variável que permite fazer uma ligação entre História e Literatura, levando em consideração especialmente a estética desse estilo de época, onde, numa preocupação com a realidade observada, o romance naturalista torna-se uma ampliação do Realismo. A construção dos personagens traz à tona patologias sociais pelas quais os indivíduos eram acometidos.

Um estilo reflete as escolhas de seus autores, a partir de elementos como a língua, a fala. A este, juntam-se o impulso emotivo e o propósito da obra literária, que pode ser claro ou inconsciente. A preferência pessoal do autor acaba por ditar a obra. Segundo Proença Filho (2007), um estilo individual, caracterizado acima, seria composto de elementos constantes na fala do autor.

Estilo individual é o aspecto particular de um artefato verbal que revela a atitude do autor na escolha de sinônimos, vocábulos, ênfase no material vocabular abstrato ou concreto, preferências verbais ou nominais, propensões metafóricas ou metonímicas, tudo isto, porém não só do ponto de vista do *écart* (separação, desvio, afastamento) do dicionário e da sintaxe, mas também do ponto de vista do todo ficcional, cuja organização é servida por essas preferências em todos os pormenores e ramificações artísticas (HATZFEL apud PROENÇA FILHO, 2007, p. 64 – 65).

Para que haja a literatura, faz-se necessária a existência de artefatos sociais e culturais que lhe dêem sustentação. O estilo de época é o reflexo de uma época que traduz, nas artes, os sentimentos, as mentalidades, anseios de um povo. Na arte, notadamente a Literatura, não há apenas a expressão individual de cada autor, mas um conjunto de características comuns e representativas de uma época. “(...) o estilo de época só pode ser avaliado pelas contribuições do estilo, ambíguas em si mesmas, constituindo uma constelação que aparece em diferentes obras e autores da mesma era e parece informada pelos mesmos princípios perceptíveis nas artes vizinhas” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 65).

O Naturalismo, enquanto estilo de época, é uma ampliação do Naturalismo. Naquele contexto histórico e social há predominância de uma concepção materialista das coisas. A realidade é constituída de um todo orgânico, constituído pelo universo, a natureza e o homem, todos submetidos às leis naturais que, por sua vez, são bem definidas. Nesse contexto, essa



realidade é observada e analisada, através da ciência e dos fatos. O psicológico e o social estão submetidos às leis universais e as manifestações materiais, sendo que a “natureza” do homem liga-se diretamente às circunstâncias exteriores. O verdadeiro, o bom e o belo estão para além das razões subjetivas e predomina-se uma visão determinista, antimetafísica, antiespiritualista. Como aponta Proença Filho, a literatura da época caracteriza-se nitidamente por elementos vinculados a tais concepções. Nesta literatura, o comportamento, as atitudes dos personagens precisam se encaixar numa lógica das causas sejam elas biológicas ou sociais. Tanto o Realismo quanto o Naturalismo trazem tais características. O que os diferencia, segundo Proença Filho, é o fato daquele tender para uma visão biológica do homem e deste encaminhar-se para uma visão patológica. O Naturalismo manifesta preferência por temas ligados às patologias sociais, tais como a miséria, o adultério, a criminalidade, o desequilíbrio psicológico, problemas ligados ao sexo, entre outras coisas. O romance naturalista acentua, mais que o Realismo, o determinismo do comportamento humano que seria guiado por leis físico-químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social. Segundo Terra e De Nicola, “a narrativa naturalista é marcada pela vigorosa análise social a partir de grupos humanos marginalizados, em que se valoriza o coletivo” (2004, p. 419).

Foucault e a História da Sexualidade: dispositivos de sexualidade e patologias sociais

Atentamos para a homossexualidade posta no texto naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, buscaremos as proposições de Foucault no que tange a criação de dispositivos de sexualidade “como algo estabelecido pelo poder como forma de controle e coerção que pretende vislumbrar o comportamento do ser humano e sua relação com o prazer” (MENDES, 2008, p. 250).

A partir dos séculos XVI e XVII vemos no Ocidente uma multiplicação dos discursos sobre o sexo que, segundo Foucault, ao esquadrihá-lo e defini-lo, acabaram por ocultá-lo. Cria-se, então, um projeto de dizibilidade e visibilidade sobre o sexo, a fim de produzir verdades sobre ele. O século XIX é um momento crítico para esse movimento, em face de um “projeto científico” fatalmente comprometido com o evolucionismo e com os racismos oficiais. O discurso médico, enquanto um dos dispositivos da sexualidade, sob uma aura de



neutralidade científica, se empenha em produzir crescentes verdades sobre o sexo, verdades estas que se ligavam a uma moral burguesa de assepsia e que trazia uma conexão entre o patológico e o pecaminoso. Neste momento, a medicina do sexo associava-se de modo intrínseco à biologia evolucionista da reprodução biológica, dando ao discurso sobre o sexo uma maior legitimidade e contribuindo para a instituição da heteronormatividade e do sexo para fins de reprodução.

Para Foucault, “a realidade é uma correlação de forças [e] dependendo dos acontecimentos que ocorrem na sociedade, existem as urgências históricas que, por sua vez, abalam estas correlações de forças criando novas correntes, novas teias ou novos dispositivos” (Idem, p. 257). Já as forças são os saberes, os poderes e as subjetividades que, nas palavras de Deleuze, “são cadeias variáveis relacionadas entre si” (1990, p. 2). Nas palavras de Foucault,

O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos e (...) está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre (...) ligado a uma ou a configurações de saber que dele mas igualmente condicionam [a] (...) estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentados por eles (FOUCAULT, 1999, p. 244-247).

Ainda sobre as “cadeias de variáveis” em que as forças dos saberes, dos poderes e das subjetividades atuam em face das demandas sociais, “surgiu esta rede de dispositivos que segregam e determinam o ‘normal’ e o ‘patológico’, a sexualidade ‘sadia’ e a ‘doente’” (MENDES, 2007, p. 258).

Foucault, em sua *História da Sexualidade*, faz um esquadramento da sexualidade no Ocidente, apresentando o conceito de *Scientia Sexualis*, opondo-a ao conceito oriental de *Ars Erotica*. Esta buscaria no saber sobre o prazer, formas de ampliá-lo, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber. Os orientais possuem uma arte erótica que visa conhecer sobre o prazer para ampliá-lo.

Já a *Scientia Sexualis* seria uma ciência do sexo que tinha na confissão, na fala, a finalidade de produzir um saber sobre o sexo (Idem, p. 255). Foucault afirma que desde o século XVIII, houve uma multiplicação das falas sobre o sexo, em que os *dispositivos de sexualidade* acabaram por obrigar as pessoas a falarem sobre suas sexualidades. Nas palavras do filósofo, “houve uma fermentação discursiva sobre a sexualidade, com a função de verificar e conhecer tanto as formas como os objetos de atividade e desejo sexual” (FOUCAULT, 1999, p. 26). Motivações econômicas, políticas e técnicas propunham “uma



análise quantitativa de classificação e especificação da sexualidade com fins de domínio e poder” (MENDES, 2007, p. 255). A confissão pastoral católica, após o Concílio de Trento, passou a buscar fazer uma prospecção sobre as práticas sexuais, tais como posições, gestos, toques, sensações, entre outras. A busca pelo “casal legítimo” criou um modelo a ser seguido, onde o homem e a mulher constituiriam um casamento monogâmico que deveria dedicar sua prática sexual à procriação. “O quarto dos pais era, portanto, a única forma legítima de se fazer sexo” (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Os procedimentos de confissão vão além do domínio religioso. Neste contexto, os discursos se sobrepõem principalmente em duas modalidades de produção de verdades: a discursividade religiosa e a científica. Dentre as estratégias enumeradas por Foucault para a elaboração dos discursos e dispositivos sobre a sexualidade, estão: a) a codificação clínica do fazer falar, onde a confissão inscreve-se no campo de observações científicas; b) o postulado da causalidade geral e difusa, sendo que qualquer desvio possui conseqüências mortais e o sexo representa perigos ilimitados; c) o princípio da latência intrínseca da sexualidade, onde o sexo é clandestino, sua essência é obscura e a coerção da confissão é articulada à prática científica; d) a interpretação, que dizia que a verdade era produzida através dos discursos interpretativos da confissão; e e) a medicalização, em que a confissão é transposta no campo do normal e do patológico e os médicos são, por excelência, os intérpretes da verdade sobre o sexo.

Este é o caminho trilhado pelos dispositivos de sexualidade que, atendendo às demandas sociais daquele contexto histórico, determinam o que é “normal” e “sadio” e o que é “patológico”, “anormal”. A homossexualidade é, a partir da imposição desses dispositivos, considerada uma patologia.

Homossexualidade e patologias sociais em *O Cortiço*

O homem como produto do meio: esta é tese defendida pelo texto naturalista de Aluísio Azevedo, assim como toda a obra da escola naturalista. Azevedo traz toda uma carga de denúncia e preocupação com a realidade social brasileira, notadamente aquela ligada aos grupos sociais marginalizados, à luz das demandas sociais nos campos político-ideológico do século XIX. Neste trabalho, nosso olhar volta-se para as questões homoafetivas postas na obra



que se dão em consonância com questões ligadas às patologias e defeitos sociais. Aliás, a obra naturalista enfatiza a homossexualidade como uma das faces patológicas da sociedade, como algo que não está apenas ligado ao patológico, mas o representa e o materializa.

Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo aborda a homossexualidade a partir de personagens emblemáticas tais como Albino e Léonie. Em torno destes, o autor tece uma rede de relações sociais em que se misturam delicadezas e promiscuidade, numa associação das práticas sexuais e homoafetivas com “o sujo”.

Albino é construído como alguém triste, mal sucedido, passível de pena. Afeminado, assemelha-se às mulheres do cortiço – por exercer a profissão de lavadeiro – e é solícito para com suas amigas, especialmente a Rita Baiana (AZEVEDO, 2007, p. 25). Vitimado pelas críticas e pelos deboches, põe-se a chorar, chegando a sofrer uma síncope ao ver o cadáver de uma criança. Sua delicadeza estende-se à sua casa, que é delicadamente decorada. Para Albino, Azevedo dar-lhe roupas brancas, um branco que inspira limpeza, pureza. Este personagem não exerce a sua sexualidade, dando-se apenas à suas amigas e às tarefas diárias, o que lhe conferi uma aceitação por parte de seus convíveres. Em todo o texto, uma única vez o autor dar pistas das práticas sexuais de Albino, quando diz que “a cama de Albino estava sempre coberta de formigas” (AZEVEDO, 2007, p. 132), em contraste com a limpeza e arrumação do resto de sua casa. Seria a prática da masturbação que traria as formigas para a sua cama. Portanto, sua prática sexual perturbaria a ordem asséptica do ambiente.

Léonie representa outra face do homoerotismo n’*O Cortiço*. Esta mulher é uma francesa que possuía um sobrado no centro da cidade do Rio de Janeiro e que fazia visitas freqüentes aos seus afilhados no cortiço de João Romão, em Botafogo. Esta cocote francesa causava fortes impressões nas pessoas por seus trajes extravagantes e sua presença. Léonie estabelece relações homoafetivas com Pombinha. Esta, por seu turno, é o retrato da moça inocente, símbolo de pureza e delicadeza, que vai encontrar, no contato com Léonie, um “desvirtuamento”. A filha de Dona Isabel “era a flor do cortiço. (...) Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; Loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família” (Idem, p. 66). Entretanto, o contato sexual com Léonie faz com que Pombinha “abra os olhos” para o mundo, especialmente o mundo dos homens, tirando desta a sua aura de santa. “[Léonie] Arrancou-lhe até a última vestimenta e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empogar-lhe os lábios, o róseo do peito (...), deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal” (AZEVEDO, 2007, p. 85). A cocote fez despertar os sinais físico-



biológicos da puberdade em Pombinha, em razão do contato sexual e funcionou como a porta de acesso para a vida promíscua. Quando diz que “a serpente venceu afinal” (Idem, p. 146), Azevedo remete-se ao símbolo ocidental do pecado, daquilo que leva as pessoas a se desviarem do caminho do “bem”. A serpente, que nada mais é do que a própria Léonie e tudo o que ela representa, é evocada como causadora dos males à “pobre” Pombinha. As práticas homoafetivas associam-se à promiscuidade e ao cortiço, aquele lugar onde imperava a sujeira. A presença solícita da cocote, prostituta e lésbica, no cortiço seria outra face das patologias que aquele lugar materializava.

Destacamos, ainda, outro personagem d’*O Cortiço* que relaciona homoafetividade e patologias sócias/sujeira. Trata-se do velho Botelho, um “parasita” que havia sido “corretor de escravos” e agora se abatia por uma “tristeza de vencido”. Com suas mãos “inúteis e trêmulas (...) tinha a pretensão de conhecer todo o Rio de Janeiro e os podres de cada um em particular” (Idem, p. 19) para, assim, poder chantagear as pessoas e parasitá-las. Ao flagrar um rapaz em ato sexual com a esposa de seu anfitrião, Botelho aconselha-o a “tomar cuidados”, adjetivando-o como

- Um excelente menino, uma flor! – (...) Falando assim, [já] tinha-lhe tomado as mãos e afagava-lhes. – (...) creio que lhe falo assim, por que sou seu amigo, por que o acho simpático, por que o acho bonito! – E acariciando-o tão vivamente dessa vez, que o estudante, fugindo-lhes das mãos, afastou-se com um gesto de repugnância e desprezo, enquanto o velho lhe dizia em voz comprimida: - Olha! Espera! Vem cá! Você é desconfiado!... (AZEVEDO, 2007, p. 21).

Tanto o personagem Botelho quanto a sua atitude para com o jovem Henrique estão carregados do aspecto patológico, por uma “sujeira”, por algo que causa nojo e repugnância.

Considerações Finais

Foi graças aos estudos sobre a linguagem e a narrativa, que o texto literário passou a compor o universo do historiador enquanto uma fala sobre acontecimentos históricos. Mas o texto literário vai para além de um objeto a ser analisado. Assim como o discurso historiográfico, o discurso literário também para compor o real. Não é mais possível falar em “quadros acabados”, pintados apenas pelos historiadores. Assim como estes, os literatos



também passam a pincelar a realidade, construí-la enquanto discurso articulado numa lógica discursiva, constituída por símbolos próprios, que tentam ordenar e racionalizar o caótico.

O Naturalismo e sua preocupação com o real reforça novas considerações acerca do texto literário enquanto discurso sobre o real. O texto naturalista tem a pretensão de romper com o idealismo da tradição romântica e pretende construir quadros “reais” dos objetos representados, com enfoque nas “patologias” sociais. Essa postura determinista/evolucionista traz para o texto de Aluísio Azevedo as “chagas” de uma sociedade deformada, onde os indivíduos vivem pelo seu pior e são fruto do meio em que estão inseridos.

Dos variados tipos encontrados n’*O Cortiço* (de facínoras a prostitutas) nos deparamos com personagens homossexuais como Léonie, Pombinha, Albino e o velho Botelho. Na obra, as práticas homoafetivas desses personagens são remetidas àquilo que há de patológico. Essa associação não é gratuita, ou seja, a ligação das práticas homoafetivas com o patológico, com o “anormal” vai ao encontro dos dispositivos de sexualidade elencados por Foucault. Constituídos a partir do século XVII, tais dispositivos esquadriharam e enquadraram as práticas homoeróticas no quadro das anormalidades, daquilo que não faz parte da lógica dominante.

O texto naturalista, portanto, traz à luz concepções deterministas/evolucionistas que viam as relações homoafetivas, homoeróticas como patologias. Léonie, assim como Albino e Botelho, representam aquilo que, no século XIX, seriam chagas sociais, cicatrizes na face de uma sociedade que se pretendia asséptica, regida por uma moral burguesa pautada na heteronormatividade. Suas práticas sexuais comporiam quadros das patologias, daquilo que deve ser combatido, tratado, para assim não perturbar a ordem asséptica que se almejavam.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da história**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: _____ (org.). **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 243 – 276.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDES, Sandra Magrine Ferreira. Homossexualidade: a concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neorofisiológico do século XIX. In: Encontro: Revista de Psicologia. Vol. XI, nº 16, Ano 2007, p. 249 – 262. Disponível em: < <http://sare.unianhanguera.edu.br> >. Acesso em: 25 out. 2010.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na Literatura**. 15 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa (et all/org.). **Entre línguas: movimentos e misturas de saberes**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 200 – 214.

TERRA, Ernani; DE NICOLA, José. **Português de olho no mundo do trabalho**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2004.